

JOHNATAS SILVA DE PAULA

**EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM UMA  
ESCOLA DE BELO HORIZONTE**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2015

JOHNATAS SILVA DE PAULA

**EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM UMA  
ESCOLA DE BELO HORIZONTE**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2015

## RESUMO

Neste trabalho, procuro analisar a presença da disciplina Educação Física na Educação de Jovens e Adultos em uma escola de Belo Horizonte. Problematizando os caminhos e desafios que uma professora de Educação Física enfrenta na EJA; além disso, compreender a importância da Educação Física para os alunos; analisar a concepção de Educação Física para os alunos da EJA; conhecer a motivação que leva os alunos a participar da aula de Educação Física e identificar o motivo pelo qual alguns alunos não participam da aula de Educação Física. A abordagem metodológica dessa pesquisa foi o Estudo Qualitativo de Caso. Como instrumento para coleta de dados foi utilizado entrevistas semi-estruturadas. Participaram da pesquisa 9 (nove) alunos da EJA, divididos em 2 (dois) grupo: Grupo 1 composto por alunos que participam das aulas de Educação Física e Grupo 2 alunos que não participam das aulas de Educação Física. O Grupo 1 foi representado por 7 alunos (4 mulheres e 3 homens), com idades entre 22 a 55 anos. O Grupo 2 foi composto por 2 alunos (1 homem e 1 mulher), com idades de 47 anos (homem) e 50 anos (mulher). A pesquisa também contou com a participação de uma professora de Educação Física que atua há 27 anos na educação regular e há 3 anos na Educação de Jovens e Adultos. Os achados desse estudo apontam os fatores que motivam e desmotivam os alunos em frequentar as aulas de EF, também apontam para os conteúdos mais prazerosos na visão dos alunos e a apropriação dos conteúdos e conhecimentos pelos alunos que participam das aulas de EF. Os achados também contribuem para formação de novos professores por meio dos relatos docentes de uma professora da EJA de uma escola de Belo Horizonte.

**Palavras-chave:** Educação Física. Educação de Jovens e Adultos. Relato Docente.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ALGUMAS REFLEXÕES.....</b>	<b>7</b>
2.1	Quem são os alunos da EJA?.....	09
2.2	Educação Física na EJA.....	12
<b>3</b>	<b>A EF NA EJA EM UMA ESCOLA DE BELO HORIZONTE.....</b>	<b>18</b>
3.1	Coletando dados.....	18
3.2	A escola.....	18
3.3	A professora Adelúzia Barbalho.....	19
3.4	Os alunos.....	21
<b>4</b>	<b>COM A PALAVRA, OS ESTUDANTES DA EJA.....</b>	<b>22</b>
4.1	Participantes das Entrevistas.....	22
4.2	Ensina a gente ter uma saúde superior (Gama, 22 anos).....	22
4.3	Desenvolver na saúde (Alfa, 55 anos).....	22
4.4	Chega no final do dia eu tô cansado (Delta, 47 anos).....	23
4.5	Todos são prazerosos, a dança é gostosa por que mexe com o corpo sabe? (Rosa,55 anos).....	24
4.6	Você sai da Educação Física outra pessoa (Beta, 38 anos).....	24
4.7	O Exercício Físico que eu pratico fora da escola é o meu serviço (Delta, 47 anos).....	25
<b>5</b>	<b>COM A PALAVRA, A PROFESSORA.....</b>	<b>27</b>
5.1	Motivação dos alunos em participarem das aulas de EF.....	27
5.2	O que desmotiva os alunos em participarem das aulas de EF.....	27
5.3	Organização dos conteúdos.....	28
5.4	Conteúdo mais motivador.....	29
5.5	Conteúdo menos motivador.....	29
5.6	Lei Federal 10.973/2003.....	30
5.7	Planejamento das aulas.....	30
5.8	Relacionamento com outros professores, reuniões e trabalhos coletivos.....	31
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) destina-se aos sujeitos que não puderam ingressar ou concluir seus estudos em idade prevista, sendo assim, a EJA supre as demandas necessárias para a educação tardia desses indivíduos.

Com a evolução do conhecimento e suas tecnologias, a escolarização está cada vez mais valorizada, sendo que quem possui uma trajetória curricular maior no percurso educacional, está um passo a frente daqueles que não possuem muito ou nenhuma escolarização formal. A EJA possui a função de dissipar essa deficiência educacional, cumprindo um papel reparador, qualificador e equalizador. Uma das características predominantes na EJA é a sua diversidade, seja ela, cultural, social e racial, mistura essa que contemplamos dentro da sala de aula. A alfabetização de jovens e adultos dentro da escola se tornou um lugar de encontro, de partilha de conhecimentos, ideias, crenças e conflitos, de encantos e desencantos, angústias e esperanças (SENA; SOUZA, 2013).

A Educação Física (EF) dentro do ambiente escolar pode ser compreendida como área de conhecimento que trata da cultura corporal de movimento, educando seus sujeitos, tornando-os críticos e fazendo com que sejam capazes de pensarem por si próprios, não se tornando escravos culturais da sociedade. Dentro da escola podem e devem ser ensinados conteúdos como: Jogos, ginásticas, atividades rítmicas e expressivas, lutas, esportes e o conhecimento sobre o corpo. O que observamos atualmente dentro das aulas de educação física é a constante valorização dos esportes e jogos, não dando ênfase aos demais conteúdos. Essa visão esportivista da educação física, foi gerada pela própria desvalorização que os sujeitos da escola (alunos, professores, coordenação) realizam, tornando-a como um segundo recreio; seja por meio dos alunos, professores de outras disciplinas e contraditoriamente o próprio professor da área. Essa constante desvalorização e estereotipação (esportivista) da Educação Física pode constringer Jovens e Adultos em aderir à prática, privando-os assim de usufruir os benefícios que a EF poderia proporcioná-los.

Uma das questões centrais que aflige professores da educação de jovens e adultos hoje é a composição das turmas, que expressam modificações da estrutura política, econômica, social e cultural do mundo e da sociedade brasileira (CARRANO, 2005).

O preparo e a formação de um docente voltado para atuar na EJA devem incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, exigências relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim, levando em consideração a diversidade de alunos encontrados nessa modalidade escolar (VENTURA, 2013).

Neste trabalho, procuro analisar a presença da disciplina Educação Física na Educação de Jovens e Adultos em uma escola de Belo Horizonte. Problematizando os caminhos e desafios que uma professora de Educação Física enfrenta na EJA; além disso, compreender a importância da Educação Física para os alunos; analisar a concepção de Educação Física para os alunos da EJA; conhecer a motivação que leva os alunos a participar da aula de Educação Física e identificar o motivo pelo qual alguns alunos não participam da aula de Educação Física.

Pesquisas brasileiras voltadas atualmente para o tema EJA em sua maioria não contemplam a Educação Física Escolar assim este trabalho pretende contribuir para a discussão sobre a presença da EF na EJA.

## 2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ALGUMAS REFLEXÕES

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. (BRASIL, Lei Federal 9394/1996. Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Art. 37, 1996.)

A EJA é um campo da educação cujo objetivo é garantir o direito à educação a todos àqueles que não tiveram oportunidade de cursar na idade regular, trata-se de um direito à vivência plena e a garantia de processos educativos que vão além da escolarização e levem em consideração a vivência dessas pessoas no trabalho, na cultura, os aprendizados que já possuem e as questões de raça e gênero (SILVA, 2009). Entretanto, através de sua história demonstra vários momentos de retrocessos e avanços que acabam por caracterizá-la como um campo de luta permanente pela garantia do direito à educação com qualidade (COURA, 2007). A característica mais marcante que envolve a EJA é a sua diversidade. Diversidade de educandos; níveis de escolarização; de trajetórias humanas e escolares, instituições; educadores; de métodos didáticos; de intenções políticas, sociais e pedagógicas (ARROYO, 2011).

Segundo Günther *et al.* (2013) a existência da EJA no sistema público da educação é a tentativa de corrigir as consequências de uma desigualdade social presente em nossa sociedade, por meio da conclusão dos estudos, para pessoas que ficaram excluídas do processo de escolarização na idade esperada (infância e adolescência). De acordo com Pierro *et al.* (2001) existem 3 trajetórias escolares básicas dos alunos da EJA: A primeira corresponde aos alunos que já iniciaram seu retorno a escola na condição de adultos trabalhadores; a segunda corresponde aos adolescentes e adultos jovens que frequentaram a escola regular e a abandonaram há algum tempo (motivados pela entrada no mercado de trabalho, dentre outros motivos); a terceira e última trajetória corresponde aos adolescentes que ingressaram e cursaram recentemente a escola regular, mas acumularam grandes defasagens idade-série de ensino.

De acordo com Oliveira (2003) a EJA deve se constituir efetivamente num caminho do desenvolvimento dos seus educandos, valorizando assim, suas competências,

experiências e habilidades, contribuindo para que os alunos se qualifiquem para o mercado de trabalho; é necessário que sejam dadas a eles novas oportunidades de inclusão no mercado de trabalho e na sociedade.

A EJA possui como características 3 funções principais: Equalizadora, Qualificadora e Reparadora. Segundo a Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos (2002, p.18) a função reparadora da EJA além de referir o ingresso de jovens e adultos pelos direitos civis (restauração do direito uma escola de qualidade), refere-se também a igualdade ontológica de todo ser humano de ter acesso a um bem social e simbolicamente importante. Gaviraghi *et al.*, (2012) também reconhece a função reparadora como o direito a escola de qualidade, reconhecendo uma igualdade ontológica de qualquer sujeito.

A função equalizadora relaciona-se à igualdade de oportunidades, que possibilite oferecer aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e nos canais de participação (COURA, 2007). A EJA representa uma possibilidade de efetivar um caminho de desenvolvimento a todas as pessoas, de todas as idades, permitindo que jovens e adultos atualizem seus conhecimentos, mostrem habilidades, troquem experiências e tenham acesso a novas formas de trabalho e cultura (Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos . segundo segmento do ensino fundamental, v. 1, 2002, p.18). Em outras palavras equalizar é sinônimo de possibilitar igualdade, com essa função a EJA possibilita igualdade a todos os indivíduos por meio da educação, que a todo o momento deverá ser oferecida com qualidade pela escola.

Função qualificadora: refere-se à educação permanente, com base no caráter incompleto do ser humano, cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares. (Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos, 2002, p.18).

A função permanente ou qualificadora, mais do que uma função é o próprio sentido da EJA. A formação desses alunos deve considerar bem mais do que a obtenção de certificados, é preciso qualificar estes alunos de forma que possam prosseguir em seus estudos, tanto no sentido de obter o ingresso no nível superior de educação quanto no sentido de prosseguir o desenvolvimento e a atualização de conhecimentos fora do ambiente escolar. (OLIVEIRA, 2003, p.4).

## 2.1 Quem são os alunos da EJA?

Muitas pessoas são levadas a abandonarem a escola por questões financeiras, a falta de dinheiro faz com que a criança ou adolescente tomem uma decisão: estudar ou trabalhar; em longo prazo estudar é a melhor opção, pois com o estudo é possível conseguir um emprego melhor no futuro, gerando assim uma renda per capita maior. Infelizmente em curto prazo, situação essa que se é vivida diariamente por moradores de periferias, trabalhar se torna uma opção mais viável. Por meio do trabalho a criança ou adolescente ajudará sua casa, diversas vezes colocando o pão de cada dia na mesa. É uma competição injusta entre trabalho e estudo, promovendo assim o abandono escolar de crianças e adolescente através da entrada precoce no mercado de trabalho. A EJA torna-se então uma opção para aquele que abandonou a escola na idade regular, concluir seu estudo. Em sua maioria, os alunos da EJA trabalham durante o dia e %correm atrás do prejuízo+(tempo perdido de estudo) durante a noite.

Araújo (2008) cita que diversos problemas sociais contribuem para o retardamento da vida escolar na maioria dos jovens brasileiros, levando-os a desistirem de estudar e ingressarem no mercado de trabalho. São problemas estes como: Discrepância na distribuição de renda, desigualdades sociais, funcionamento do sistema único de saúde (SUS), índice alto de analfabetismo, fome, violência, desajuste dos princípios familiares e corrupção.

Segundo Júnior (2009) os alunos ao ingressarem na EJA, contraditoriamente já que o próprio trabalho também os expulsa da escola, estes não traçam os seus objetivos em função da produção de conhecimentos para sua emancipação e ampliação de sua visão de mundo, mas para o término em um curto tempo possível para a entrada no mercado de trabalho. Resumindo, o próprio motivo que tira esse aluno da escola (trabalho) é o mesmo motivo que o faz retornar a ela. Esse ciclo se comprova no estudo feito por Naiff & Naiff no ano de 2008, onde por meio de uma pesquisa realizada com 247 alunos da EJA, 41,7% alegaram que abandonaram a escola devido à %necessidade de trabalhar+, enquanto que 87,4% desses alunos relataram que os motivos de seus retornos à escola foram %completar os estudos e aumentar as chances no mercado de trabalho+.

A presença de jovens e adolescentes na EJA é marcada não somente por motivos relacionados ao trabalho, mas também por motivos repetições de séries, ocasionando um desvio de idade/série de ensino desses alunos. Muitos jovens enxergam a EJA como um caminho mais hábil para conseguir seu diploma, considerando assim a educação de jovens e adultos mais fácil do que a educação regular, fazendo com que a EJA perca seu sentido qualificador. Gradativamente a EJA está perdendo sua ideia inicial de educar jovens e adultos para tornar-se um trabalho para a conclusão do ensino de adolescentes que abandonam a escola após sucessivas repetências, podendo assim, finalizar seus estudos de forma mais rápida (GÜNTHER *et al.*, 2013).

Na EJA, a visão do jovem sobre o processo de escolarização é totalmente diferente da visão construída pelo adulto, em decorrência do momento da vida e das divergências em expectativa de futuro de cada um; a presença do aluno jovem na EJA é avaliada com bastante crítica por parte dos adultos. Alguns alunos adultos e idosos consideram que o jovem não leva a sério os estudos e que a sua presença em sala, gera impactos negativos no processo de aprendizagem dos conteúdos escolares, perturbando e desestabilizando a ordem supletiva escolar (SILVA, 2009; SCHNEIDER; FONSECA, 2013; CARRANO, 2007).

Em um estudo feito por Zonta (1990, *apud* CAMARGO, 2014) foi analisado por meio de questionários e entrevistas, a consciência social de 12 alunos de um programa de EJA (divididos em 3 grupos de acordo com suas faixas etárias: 14 a 20 anos, 21 a 30 anos e 31 a 50 anos). Os resultados demonstraram que existem diferenças significativas entre os alunos e diferentes visões de mundo entre esses grupos pesquisados; devido a esses resultados os programas de educação de jovens e adultos devem possibilitar a consciência crítica, atendendo essas diferenças. Segundo o autor as atividades oferecidas pela EJA devem ser trabalhadas de acordo com a especificidade de cada faixa etária.

Para Silva (2010) nos últimos anos o rejuvenescimento do público da EJA, gerou nas escolas o desafio de construir propostas educativas que integrem duas gerações marcadas pela baixa escolaridade, que tiveram o direito à educação negado quando crianças, que vivem em estado de pobreza e vulnerabilidade social e que ocupem o mesmo território geográfico.

Os jovens presentes na EJA compartilham ideias, trocam experiências, vivem o agora e na medida do possível traçam projetos futuros, acessam os bens materiais de consumo e tecnológicos e buscam ampliar cada vez mais a sua rede social de amizades. Estes apresentam em sua maioria uma boa aparência física e visual (SILVA, 2009).

A natureza do sujeito adulto é marcada pela sua cultura, história, constituição familiar e inserção ou não no mercado de trabalho, havendo diferentes classes, etnias, gênero, nível e tipo de escolaridade (FURINI *et al.*, 2011). O aluno adulto tem como característica responder por todos os seus atos e palavras, além de assumir responsabilidades diante dos desafios impostos pela vida. O predomínio da racionalidade é um aspecto importante dentro das distinções possíveis dos adultos; ao contrário de crianças, adolescentes e jovens, o adulto tende a ver objetivamente o mundo e os acontecimentos da vida, de modo que suas decisões são tomadas pela razão (Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos, 2002, p.91).

Segundo Gaviraghi *et.al.*, (2012) o jovem e adulto que volta a estudar já carrega consigo a estigma de que ele mesmo foi culpado por não ter se formado na idade considerada correta ou, por ter abandonado os estudos. Essa parcela de culpa está ligada a diversos fatores como fatores sociais e culturais.

Em sua caracterização dos alunos da EJA, Carneiro distribui esses alunos em três grupos:

Esta população de necessidade de atendimento educacional tardio se distribui em três grupos bem distintos: Primeiro aqueles reconhecidamente analfabetos segundo, aqueles que foram à escola, passaram ali pouco tempo e, portanto, não tiveram tempo de sedimentar o que haviam superficialmente aprendido. São os analfabetos funcionais: terceiro aqueles que estiveram na escola em momentos intermitentes. Todos estes carecem de uma política própria de atendimento, capaz de lhes conferir os meios adequados para a superação ou da escolarização que não ocorreu ou que ocorreu de forma inadequada. (CARNEIRO, 1998, p.115)

No estudo de Galvão e Soares (2004), os alunos da EJA foram agrupados e caracterizados como pessoas com experiências e bagagens distintas provindas das vivências no campo familiar, social e no mundo do trabalho. Havendo em um mesmo espaço a presença de jovens, adolescentes, adultos e idosos promovendo uma

mistura multirracial e social entre negros, brancos, homens, mulheres, católicos, evangélicos, participantes de religiões de origens africanas. Atendendo a diversos públicos: núcleos de trabalhadores do campo e indígenas, operários e trabalhadores informais, educadores e agentes sociais, sindicalistas, empresários, mães e pais de família, grupos da terceira idade, grêmios e militantes partidários (SOARES, 2001). No estudo de Arroyo (2005) os alunos da EJA foram caracterizados de acordo com suas realidades sociais em: oprimidos, pobres, sem terra, sem teto, sem horizonte; podendo ser vistos como: repetentes, defasados, aceleráveis, analfabetos, candidatos à suplência e discriminados.

Oliveira (2000, p. 5) caracterizou o perfil do aluno no ensino noturno em:

Um grupo de pessoas trabalhadoras, em sua grande maioria, assalariadas com renda média de um salário mínimo, família constituída, sem tempo para o lazer, sem conhecimentos para o desfrute adequado dos poucos momentos livres, sem esperanças numa educação de melhor qualidade, iludidos pelo senso-comum da possível igualdade social que aqueles poucos momentos em sala de aula poderão oferecer.

Nas salas de aula da EJA é possível perceber a presença de idosos. Segundo Coura (2007) esta presença está relacionada a uma conjunção de fatores: o aumento da expectativa de vida da população brasileira, a criação de leis que garantem direitos a esta parcela da população e a ampliação da oferta gratuita de escolas de educação de jovens e adultos, dentre outros.

## **2.2 Educação Física na EJA**

A Educação Física (EF) é um conteúdo curricular obrigatório da educação básica segundo a LDB, entretanto na EJA muitas vezes e o por diversas razões nessa obrigatoriedade abre-se uma exceção. De acordo com a lei 10.793 de 1º de Dezembro de 2003 a EF é um componente obrigatório para os alunos da EJA, exceto para aqueles que se encaixam nos seguintes requisitos:

- I . que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;
- II . maior de trinta anos de idade;
- III . que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física;
- IV . amparado pelo Decreto-Lei no 1.044, de 21 de outubro de 1969;
- V . (VETADO);

VI . que tenha prole. (BRASIL, Lei Federal 10.793/2003. Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Art. 1, 2003)

Sendo assim qual aluno estaria apto ou obrigado a participar da aula? Visto que em sua maioria quase todos os alunos da EJA se enquadram em um dos requisitos acima. Valem salientar que esses requisitos não justificam prejuízos da prática da EF por esses alunos, eles apenas os ressalvam legalmente; a participação desses alunos na aula se dará pelo interesse do mesmo à importância da prática da EF em sua vida.

De acordo com a Proposta Curricular de EF para a EJA (2002, p. 3) a inclusão da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos representa o contato dos alunos com a cultura corporal de movimento. Acessar esse universo de informações, vivências e valores, é compreender o direito de cidadania, usufruindo de instrumentos para promoção da saúde, utilização do tempo de lazer e expressão de diversos sentimentos nos contextos de convivência.

A discussão da prática pedagógica na área de Educação Física parte de quatro aspectos fundamentais: o princípio da inclusão, o da diversidade, as categorias de conteúdos e os temas transversais. No princípio inclusão o objetivo é vislumbrar uma EF escolar com capacidade para superar a exclusão e a seleção vivenciada nos alunos. No princípio da diversidade se busca uma aprendizagem significativa, que proporcione aproximação entre os alunos e o conhecimento construído pela cultura corporal de movimento ao longo do tempo, levando em consideração as particularidades e especificidades de cada aluno. Nas categorias de conteúdos o foco se encontra em pautar pela diversidade presente nas vivências dos diferentes grupos que ingressam na escola; seguindo as 3 naturezas de conteúdos: procedimentais (referentes ao fazer), conceituais (fatos, conceitos e princípios) e atitudinais (normas, valores e atitudes). Por último, nos temas transversais há um relacionamento das atividades da EF com os grandes problemas vividos na sociedade brasileira, sem, no entanto, haver perdas no papel da integração do aluno na esfera da cultura corporal do movimento.

(Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos (Educação Física) . Segundo Segmento do Ensino Fundamental, v.3, 2002).

Günther *et al.*, (2013) cita que a obrigatoriedade da EF como componente curricular não assegura a presença dos estudantes nas aulas:

A caracterização da EF como componente curricular obrigatório parece assegurar sua oferta porém, está longe de garantir a presença dos estudantes que parecem dela prescindir. Por outro lado, experiências inovadoras realizadas em turmas de EJA tem atestado o interesse dos estudantes por uma EF para além da reprodução de práticas corporais restritas. Aprender sobre essas práticas corporais, ressignificá-las e ampliar as experiências corporais tem sido as respostas de diferentes turmas de EJA diante de situações alternativas propostas por professores, projetos de extensão ou de pesquisa (GÜNTHER *et al.*, 2013, p.21).

Na aula de EF da EJA os conteúdos são valorizados de acordo com a apropriação do saber, não sendo valorizados pela técnica de execução dos movimentos, ou conhecimento exclusivamente voltado ao esporte, fazendo com que este conecte-se com os saberes que já traz consigo, ressaltando o atrelamento entre o saber fazer, saber porque está fazendo e como relacionar-se com este saber (LIMA; SILVA, 2011). Segundo os autores: %inclui também uma dimensão crítica, onde questões sociais e políticas podem ser desenvolvidas, sem, no entanto, perder o foco da atividade física, seus benefícios e na melhoria da qualidade de vida+(LIMA; SILVA, 2011, p. 126).

Para Gaviraghi (2012) a aula de Educação Física é um momento para conhecimento do próprio corpo e de como este se insere no mundo e não apenas realizações de movimentos repetitivos e descontextualizados utilizados na sociedade. A EF escolar definida por Silva e Silva (2007) possui como objetivo, proporcionar aos alunos espaços para refletir, discutir, problematizar, vivenciar na prática questões relacionadas à motricidade humana, desenvolvendo no aluno a descoberta e exploração de novos movimentos corporais que tenham significado para si; um enriquecimento cultural, valorizando as diversas formas de movimento humano (jogos, danças, ginásticas, lutas, esportes); a valorização da expressão corporal como forma de linguagem; e o desenvolvimento no aluno da conscientização da importância das práticas corporais como forma de melhorar sua própria qualidade de vida, valorizando a prática de atividades motoras fora da escola.

A Proposta curricular de EF para a EJA nos traz os seguintes objetivos que justificam a presença dessa disciplina na grade escolar: Promover a integração e a

inserção de todos os alunos nas práticas corporais; Valorizar, apreciar e desfrutar dos benefícios advindos da cultura corporal de movimento; Perceber e compreender o papel do esporte na sociedade contemporânea. Usufruir do tempo livre de lazer, resgatando o prazer enquanto aspecto fundamental para a saúde e melhoria da qualidade de vida. Valorizar, por meio do conhecimento sobre o corpo, a formação de hábitos de cuidado pessoal e Compreender e ser capaz de analisar criticamente valores sociais como padrões de beleza, relações entre os sexos e preconceitos.

(Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos (Educação Física) . Segundo Segmento do Ensino Fundamental, v.3, 2002).

A Educação Física, com suas infinitas/múltiplas possibilidades, deve trabalhar em prol de oferecer o máximo de vivências corporais para os alunos, para que haja escolhas e desafios que possam resultar em acréscimo para todos (CARVALHO *et al.*, 2010).

São objetivos gerais da EF na EJA de acordo com Lima *et al.*, 2010:

Formar cidadãos críticos, integrando-os na cultura corporal de movimentos, promover atividades corporais que envolvam a consciência crítica e a cultura corporal, visando os benefícios da atividade física, assim como colaborar nos processos de alfabetização e desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático; conhecer, organizar e interferir no espaço de forma autônoma reivindicando locais adequados para atividades corporais de lazer, reconhecendo-as como uma necessidade do ser humano e um direito do cidadão, em busca de uma melhor qualidade de vida. (LIMA *et al.*, 2011, p. 40)

Constituindo assim segundo esses autores, os seguintes objetivos específicos:

Desenvolver a inserção e a integração de todos os alunos nas práticas corporais, adotando atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade; conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestação da cultura corpora; promover atividades esportivas, analisando criticamente o papel do esporte na sociedade contemporânea; reconhecer-se como elemento integrante do ambiente, adotando hábitos saudáveis, relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde e de melhoria da saúde coletiva; conhecer a diversidade de padrões de saúde, beleza e desempenho nos diferentes grupos sociais, compreendendo sua inserção dentro da cultura em que são produzidos, analisando criticamente os padrões divulgados pela mídia. (LIMA *et al.*, 2011, p. 40).

Segundo Júnior (2009) há uma distinção entre os interesses de homens e mulheres em relação à Educação Física. Para as mulheres a EF se baseia para fins estéticos e relacionados à saúde; já os homens consideram a EF como uma forma de praticar esportes e melhorarem seu preparo físico.

Lima *et al.* expõe em seu artigo publicado em 2011 que alguns adolescentes não gostam da presença de idosos na aula de educação física; segundo esses adolescentes, os idosos tornam a aula desagradável devido a diferença de força e agilidade discrepantes entre eles. Por sua vez os idosos não gostam da presença de jovens na aula de EF devido a sua agitação e desinteresse em relação a alguns conteúdos ministrados. Cabe então ao professor equilibrar essa balança, buscando contemplar em suas aulas a inclusão e cooperação desses dois grupos. Quando se promove o convívio de grupos com diferentes faixas etárias deve-se perceber que esses indivíduos sempre terão algo de novo a oferecer e também a descobrir+ (RABELLO, 2011, p. 59).

Machado e Loureiro (2009) citam em seu estudo que se levarmos em consideração que em sua grande maioria, os alunos da Educação de Jovens e Adultos não se preocupam muito com o bem-estar, priorizando apenas uma maior qualificação para o mercado de trabalho; aulas de Educação Física serviriam como um momento de conscientização, onde a atividade física entraria como meio de melhorar a saúde e a qualidade de vida dos alunos. Para essa educação para a saúde ser efetiva é fundamental que o professor tenha um grande embasamento teórico e prático, possibilitando assim a incorporação de conhecimentos em seus alunos. Fazendo com que tais alunos possam utilizar o conteúdo aprendido em sala, fora do ambiente acadêmico.

Segundo Caetano (2013), grande parte dos alunos da EJA são adultos trabalhadores que dispõem apenas do período noturno (este que seria o tempo de seu descanso) para voltar à escola, com isso a uma perda de tempo desse adulto (tempo que poderia estar sendo utilizado para a prática de atividades físicas).

Concordo com Carvalho, quando o mesmo diz:

O movimento e a expressão corporal podem potencializar o contexto heterogêneo e complexo da EJA, no qual as práticas corporais, lúdicas e de

lazer, como linguagem e patrimônio sócio-cultural, inserem-se em um conjunto de múltiplas oportunidades educativas. (CARVALHO, 2009, p.121).

Essas múltiplas oportunidades educativas contribuem para o sentido da EF na escola, incluindo-se na cultura corporal de movimento.

Oliveira (2003, p.14) cita que no ensino de EF na EJA a diversidade de alunos deve ser respeitada e valorizada:

Enfim ensinar e aprender Educação Física na educação de adultos e jovens é respeitar e valorizar a diversidade de conhecimentos adquiridos ao longo dos anos pelos educandos, formando-os cidadãos esclarecidos e emancipados sobre sua cultura, aptos a continuarem seus estudos.

este autor ainda orienta o que deve se considerar no processo de contextualização dos conhecimentos da EF:

Quanto ao o que se considerar no processo de contextualização dos conhecimentos da Educação Física frente às características e necessidades da EJA, o professor deverá observar o mundo do trabalho; a distinção entre as faixas etárias; o impacto dos meios de comunicação; a procedência migratória e as manifestações culturais regionais. (OLIVEIRA, 2003, p.11).

### **3 A EF na EJA em uma escola de BH**

#### **3.1 Coletando dados**

No presente estudo Foi utilizado como método de pesquisa o estudo Qualitativo de Caso. Segundo Ludke & André (1986) a pesquisa qualitativa consiste em 5 características básicas: A fonte de dados e o pesquisador são seus principais instrumentos; os dados coletados são predominantemente descritivos; o foco se encontra no processo; o pesquisador está atento ao significado que as pessoas dão às coisas; a análise de dados tendem a seguir um processo indutivo. Ainda de acordo com as autoras o estudo de caso é formado por uma unidade presente em um sistema amplo. Como características desse estudo se encontra a crescente busca pela descoberta, retratação de um ~~caso~~ caso de forma ampla e completa, baseando sua fonte de informações em questionários, entrevistas e observação (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Para o fim de se coletar dados, foi utilizado entrevistas semi-estruturadas com os alunos e a professora de Educação Física da EJA do colégio investigado. Essa ferramenta de pesquisa foi executada durante o período escolar correspondente ao mês de Abril de 2015, contando com perguntas direcionadas aos objetivos propostos nesse trabalho. Segundo Ludke & André (1986, p. 34) ~~As~~ As entrevistas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos+. Moreira (2002, *apud* OLIVEIRA, 2009) descreve a entrevista como uma conversa entre duas ou mais pessoas, havendo um propósito específico em mente, podemos considerar como propósito específico as informações buscadas pelo pesquisador, somente encontradas por meio do sujeito pesquisado.

#### **3.2 A escola**

Por almejar uma educação baseada em valores cristãos, entendemos que o aprendizado deve considerar o ser humano em sua plenitude, buscando sua formação integral, incentivando a busca do aperfeiçoamento e da excelência acadêmica, sem perder o referencial humano (Retirado do Site do Colégio Pesquisado)

O Colégio Investigado possui uma relação diferenciada com a Educação de Jovens e Adultos. Mesmo sendo um Colégio Católico particular de Belo Horizonte a instituição escolar em questão oferece a EJA de forma gratuita para os seus educandos. Visando proporcionar uma educação de qualidade para os jovens, adultos e idosos de Belo Horizonte e região metropolitana, o colégio oferece um corpo docente e estrutura diferenciada contando com diversos professores e um amplo complexo esportivo e científico. A disposição dos alunos da EJA se encontram um conjunto de 4 quadras (2 poliesportivas e 2 de voleibol/peteca), 1 piscina, sala de ginástica contendo materiais de Pilates, laboratórios de: Física, Ciências e Biologia, Robótica, Química e Informática; contribuindo para a formação do aluno da EJA.

A história da EJA no Colégio teve início no ano de 1948 com um curso de alfabetização voltada para empregadas domésticas com o objetivo de ensiná-las a ler e escrever. Entre o período de 1948 a 1982 o curso de alfabetização oferecido pelo Colégio era denominado como supletivo, após esse período passou a ser Educação Integrada.

Nessa instituição privada de ensino a gratuidade da EJA é mantida pela Sociedade de Educação Integral e de Assistência Social (SEIAS). Sociedade esta denominada como: associação civil, de direito privado, sem fins econômicos, filantrópica, de caráter beneficente, de assistência social, educacional, cultural e religioso.

### **3.3 A Professora Adelúzia Barbalho**

Neste presente estudo participou uma professora de Educação Física com uma rica experiência na EF escolar. Formada na Universidade Federal de Minas Gerais em 1986, Adelúzia possui 27 anos de prática docente, na EJA ela se encontra a 3 anos, como podemos ver no relato a seguir:

Ah meu Deus, perdi as contas [risos]. Esse ano faço 29 anos de formada, então mais ou menos aí, pode botar uns 27 anos mais ou menos. Na Eja esse é meu terceiro ano.

Quando perguntada sobre o qual o motivo que a fez ingressar como professora na Educação de Jovens Adultos, Adelúzia respondeu que sua curiosidade e os relatos de outros professores, foram primordiais para sua entrada na EJA:

Então eu já trabalho nessa instituição aqui há 10 anos. Este ano fez 10 anos que estou aqui. Tinha um professor de Educação Física que dava aula aqui [na EJA do Colégio] e a gente tem as nossas reuniões diárias de Educação Física. Ele relatava algumas coisas e eu ficava assim super curiosa e com os relatos dele nas nossas reuniões eu ficava encantada. Eu falava: poxa que vontade ver... Porque eu nunca tinha trabalhado com EJA. Há um tempo atrás eu encontrei uma colega, professora de Educação Física que tava dando aula para EJA na rede municipal, ela me falou o quanto era gratificante dar aula na EJA. Então eu ficava sempre com aquele sonho. Eu até brincava com o professor [prof. que posteriormente Adelúzia substitui] eu falava com ele: no dia que você sair fora, eu vou pegar o seu lugar [risos]. Realmente aconteceu, esse professor aposentou e não quis continuar e eu mais do que depressa, virei pro meu coordenador e falei: olha se precisar, se quiser, eu tô dentro, eu sou candidata. Aí realmente me chamaram pra entrevista e acabou que foi um processo quase que natural.

No começo de sua trajetória na EJA Adelúzia nos revela que se sentiu apavorada e desesperada, porém ao longo do tempo, esses sentimentos negativos se tornaram um sentimento de desafio para ela. Atualmente Adelúzia nos revela que a EJA tem lhe proporcionado realizações boas no campo profissional e pessoal. Podemos perceber todos os seus sentimentos a seguir:

Quando eu comecei, apesar de todo desejo, de toda curiosidade e vontade, sempre via professores, não só de Educação Física, mas de outras áreas falando que dar aula na EJA era muito legal, muito gratificante. Quando eu comecei, comecei meio que apavorada, porque né... depois de tantos anos dando aula em vários segmentos, várias escolas, com várias idades, era uma faixa etária que eu nunca tinha dado aula. Então quando eu comecei meu sentimento era de pavor, porque eu falei assim: meu Deus do céu o que eu vou fazer? Comecei a procurar alguma leitura, não encontrava quase nada de leitura de Educação Física na EJA. A própria coordenadora que me deu um documento e eu comecei a ler algumas coisas. Aí esse sentimento de pavor foi se transformando no sentimento de desafio. Então, eu fui ver o que é essa tal de Educação Física da EJA. Não conseguia encontrar ninguém, como até hoje é difícil encontrar algum professor de educação física que você sabe que dá aula na EJA, pra você até trocar figurinhas e tal. Então eu me sentia completamente perdida mesmo. Aí foi vindo o sentimento de desafio, tive uma receptividade muito boa dos alunos e isso também me ajudou muito. Hoje o sentimento que eu tenho é de uma completa realização sabe? Com todo o desafio que a gente tem dentro da escola, com todo o cansaço que eu tenho, já vai quase trinta anos profissão, a gente fica cansado, desgastado. A EJA está me proporcionando uma realização muito grande tanto profissional quanto pessoalmente falando, cada dia são experiências novas e descobertas novas fantásticas.

Adelúzia em sua trajetória enfrentou dois obstáculos: o primeiro foi no planejamento, a professora confessa que tenta colocar no papel, aquilo que ela executa em sua prática docente. O segundo obstáculo foi na diversidade encontrada nas turmas da EJA, em uma mesma turma podemos encontrar tanto adolescentes quanto idosos.

Os alunos em diferentes fases da vida possuem diferentes expectativas em relação à EF, o que dificulta Adelúzia em motivar todos esses diferentes alunos.

O maior obstáculo que eu enfrentei primeiro, foi na questão do planejamento. Apesar de a gente ter algo escrito de planejamento o que foi feito de forma mais ou menos coletiva, era um planejamento que eu olhava e falava assim: nossa, mas isso aqui pra trabalhar na EJA? Eu acho que isso que está um pouco fora da realidade. Então assim, meu primeiro desafio, minha dificuldade foi na questão do planejamento. Até hoje eu ando sofrendo com isso, que eu fico assim, tentando colocar no papel aquilo que eu executo na prática. Os meus planejamentos a cada ano eu vou mudando, porque eu falo assim: não isso aqui não funcionou, isso não funciona, isso aqui não adianta estar aqui no planejamento. Por mais que está aqui no planejamento bonitinho, eu não vou deixar aqui só porque é bonitinho. O planejamento ele é uma coisa que te desafia muito. A outra coisa [outro obstáculo que Adelúzia enfrentou] foi trabalhar com a diversidade. Eu tenho turma que eu tenho alunos de 18 anos que estão com outros interesses e tenho alunos de 70. Então na mesma aula, como motivar ao mesmo tempo alunos de 17, 18, 19 anos que estão com uma outra expectativa? E alunos de 60, 70 que estão com outros objetivos? Então esse é um desafio frequente. Hoje em dia está mais tranquilo, mas no início era muito mais desafiador e complicado para mim.

### **3.4 Os alunos**

Este estudo contou com a participação de 9 alunos, sendo divididos em dois grupos: Grupo 1 composto por alunos que participam das aulas de Educação Física e Grupo 2 alunos que não participam das aulas de Educação Física. O Grupo 1 foi representado por 7 alunos (4 mulheres e 3 homens), com idades entre 22 a 55 anos. O Grupo 2 foi composto por 2 alunos (1 homem e 1 mulher), com idades de 47 anos (homem) e 50 anos (mulher).

## **4 COM A PALAVRA, OS ESTUDANTES DA EJA**

### **4.1 Participantes das Entrevistas**

As identidades dos participantes do presente estudo serão totalmente preservadas. Cada aluno receberá um nome fictício de flores para mulheres e alfabeto grego para os homens. Todos os participantes foram instruídos sobre a técnica de coleta, os objetivos da pesquisa, preservação de sua identidade e posteriormente assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

### **4.2 Ensina a gente ter uma saúde superior (GAMA, 22 anos)**

É uma aula que ensina muito a gente, e tem a visão também do esporte. É bom também, pra ter um físico bom né? Pra gente poder fazer as aulas... as caminhadas. Ensina a gente ter uma saúde superior. (GAMA, 22 anos)

A visão que os alunos pesquisados de ambos os grupos (1 e 2) possuem sobre a legitimidade da EF na EJA, está pautada na melhoria da saúde. Podemos perceber de forma explícita como no caso do Gama, e de forma implícita no caso das respostas de Margarida e de Beta:

Ah eu acho muito bom, tem hora assim que a gente tá com a coluna doendo, aí começa a fazer... depois a coluna para de doer. (MARGARIDA, 40 anos)

Pra mim é muito bom, a gente chega cansado. Aí faz Educação Física, fica mais leve, espreguiçam as juntas, os músculos... é muito boa. (BETA, 38 anos)

### **4.3 Desenvolver na saúde (ALFA, 55 anos)**

Ao questionar sobre o que motiva os alunos do grupo 1 a participarem das aulas, percebe-se que na maioria dos alunos, a motivação encontra-se em melhorias para o corpo, como manutenção e/ou obtenção de saúde.

Melhorou muito minha dores no corpo e nas juntas. O médico mandou eu fazer Exercício Físico e eu conseguir fazer aqui ( no colégio pesquisado) pra mim é uma benção. Não tenho tempo pra fazer fora daqui, por que preciso trabalhar né? Então é ótimo essa aula no colégio. (ROSA, 55 anos)

O aluno Alfa (55 anos), fala que além da obtenção de saúde a EF desenvolve também tranquilidade:

Desenvolver logo a tranquilidade, a gente esquece que a aula de Educação Física é muito boa, ajuda a gente a poder desenvolver na saúde.

Outro fator motivante citado pelos alunos está na relação social entre os alunos durante as aulas:

O que me motiva são os outros alunos e a professora que é gente boa de mais. (GAMA, 22 anos)

Ah junta todos os meus amigos da sala... é divertido também. (GARDÊNIA, 38 anos)

#### **4.4 Chega no final do dia eu tô cansado (DELTA, 47 anos)**

Dentre os motivos justificados pelos alunos, sobre o que os desmotivam a frequentar a aula, se encontram os problemas de saúde e o cansaço gerado pelo trabalho no decorrer do dia. Os alunos do grupo 1 em sua maioria relataram que não frequentam a aula devido a problemas de saúde como no caso da Rosa (55 anos):

Eu nunca falto nas aulas, só no caso de muita necessidade e eu não estiver passando bem, não aguentar andar... aí eu não venho.

Uma quantidade notável do grupo 1 relataram que o cansaço proporcionado pelas 8 horas ou mais de trabalho, é um dos fatores que os desmotivam em ir nas aulas, como é citado no relato a seguir:

Quando a gente mata aula é por que está cansado, a gente trabalha o dia inteiro, sai de casa 5 horas da manhã, chega em casa 23 horas da noite, aí fica cansado e desanima. (ALFA, 55 anos)

Os motivos relatados pelos alunos do grupo 2, que os desanimam em fazer as aulas de EF também se encontram no cansaço e nos problemas de saúde:

Eu fazia (aula de EF), mas parei. Eu trabalho com serviço pesado descarregando peso, chega no final do dia eu tô cansado... vai ficando velho, vai ficando cansado. (DELTA, 47 anos)

Não faço por causa da minha cirurgia. (AZÁLEA, 50 anos)



É bom pros músculos não atrofiarem, é bom pra mente, coordenação motora, bom pra mente e esquecer os problemas e tudo isso é bom pra saúde. (ROSA, 55 anos)

Sobre a ludicidade e socialização temos os relatos de Jasmim e Gardênia:

Melhora bastante a vida. A gente se diverte... também faz exercício né? Que não temos tempo de fazer em outro lugar. As vezes eu chego aqui cansadíssima, ai eu faço exercício e fico bem. (JASMIM, 43 anos)

Uma parte é que eu gosto e a outra é que junta todo mundo. Dá pra gente conversar, dialogar um pouco e também por que eu gosto. Eu sinto muitas dores nos braços, então na hora que eu faço, dá uma melhorada muito boa... eu sinto melhor no outro dia de manha. (GARDÊNIA, 38 anos)

Para o aluno mais jovem entrevistado, a EF é importante para ele poder compreender o conteúdo esporte e poder transmitir todos os conhecimentos adquiridos em sala, para as demais pessoas do seu convívio. Podemos perceber a importância que esse aluno possui sobre sua prática em seu trabalho, para ele é essencial à realização de alongamentos no local de trabalho, impedindo futuras lesões. Esses alongamentos citados pelo aluno correspondem aos alongamentos aprendidos durante as aulas de EF.

A importância maior dela é de a gente ter uma visão do esporte e poder também aprender para passar para o próximo, ensinar a fazer os alongamentos que são essenciais e muita gente não faz no local do trabalho, por que as vezes eles pegam o peso, depois ficam com dor na coluna, da problemas nas pernas, no braço, mas não sabe por que né... (GAMA, 22 anos)

#### **4.7 O Exercício Físico que eu pratico fora da escola é o meu serviço (DELTA, 47 anos)**

Ao questionar sobre a prática de exercício físico fora da Escola, percebemos que os uma parte dos alunos fazem algum tipo de Exercício Físico, enquanto a outra parte não faz devido à falta de tempo, como vemos a seguir nos relatos de Delta e de Rosa:

O Exercício Físico que eu pratico fora da escola é o meu serviço, que é carregando saco de 25kg o dia todo nas costas, subindo escada e descendo escada. Não pratico também pela falta de tempo. Se eu tivesse tempo eu faria caminhada. (DELTA, 47 anos)

Não tenho tempo, só uma caminhada de vez em quando. A gente tem vontade de fazer mais, mas não tem tempo. Depois que eu aposentar e tiver mais tempo vou caminhar mais. (ROSA, 55 anos)

A falta de tempo para a prática de Exercícios Físicos no cotidiano dos alunos está relacionada com a rotina de serviço semanal, em que alunos não dispõem tempo para tal prática, e aos finais de semana o tempo livre é gasto com a família ou afazeres domésticos, como podemos observar no relato a seguir:

Não pratico por que não tenho tempo, eu trabalho. Final de semana que eu tenho é lazer, obrigações de dentro de casa e tenho família também. Se eu tivesse tempo eu jogaria futebol. (GAMA, 22 anos)

As atividades praticadas pelos alunos que dispõem de algum tempo para fazer Exercícios Físicos, estão embasadas no que foi vivenciado e aprendido em sala, esses alunos em sua maioria dispõem apenas do final de semana para praticá-las, devido à rotina semanal intensa de trabalhar durante o dia e estudar de noite. As atividades mais contempladas por esses alunos foram à ginástica e a caminhada:

Quando estou em casa faço todas às ginásticas que ela (Adelízia) me ensina, eu faço a noite antes de tomar banho... faço no sábado. Eu faço sempre quando minha coluna está começando a doer. (MARGARIDA, 40 anos)

Eu faço caminhada no final de semana, eu ando mais ou menos uma hora, é boa pra saúde e suar um pouco. (BETA, 38 anos)

Através dos relatos dos alunos, percebemos a transmissão de conhecimentos sobre os conteúdos aprendidos na EF, pois alguns alunos relataram que o foi aprendido durante a aula, é repassado para os colegas:

No sábado e no domingo eu vou pra Andradas [Avenida de BH] e faço caminhada 7 da manhã e na parte da tarde vou naqueles aparelhos da Prefeitura. Antes eu ficava o sábado e domingo o dia inteiro deitado, então terminava de comer e dormir, não trabalhava dia de sábado. Então a aula me incentivou a fazer caminhada. O que eu aprendi com a Adelúzia eu faço lá [Aparelhos academia da cidade], ajudei uma colega minha que usava os aparelhos errado, eu dei uma dicas pra ela que eu aprendi aqui. (GARDÊNIA, 38 anos)

## **5 COM A PALAVRA, A PROFESSORA**

### **5.1 Motivação dos alunos em participarem da aula de EF**

Para Adelúzia existem dois fatores que motivam seus alunos a participarem de suas aulas. O primeiro fator está ligado a sua proximidade e relação social com seus alunos. Adelúzia revela que sua relação com os alunos se estabelece por meio da proximidade existente entre eles, chegando até mesmo a mudar seus planejamentos devido às condições diárias de seus alunos. O segundo fator se encontra na possibilidade que os alunos possuem de estar fazendo a EF, segundo a professora, os alunos relatam que a escola em si já é legal, devido à existência da EF, ou seja, para esses alunos a possibilidade de existir EF no colégio, associado com a possibilidade de eles participarem das aulas, é importante, é fator motivador. Percebemos esses dois fatores no relato a seguir:

Eu acho que o que motivam eles, é a possibilidade está fazendo uma aula de Educação Física. Muitos relatam que faziam EJA em outros lugares que não existia Educação Física, aí eles falam: ô professora aqui é tão legal, que aqui tem Educação Física. Então eu acho que isso já é motivador. Outra coisa, eu acho que nós professores, a gente tem se aproximar cada vez mais do aluno. Eu pessoalmente fui vendo ao longo dos anos, que cada vez mais acabou aquela história que professor está no pedestal e que o aluno está em baixo. Quanto mais você senta com eles no chão, do lado deles, rola com eles, joga com eles, brinca com eles, rir com eles, dança com eles... Eu acho que eles se sentem mais motivados ainda. É a simplicidade, é o respeito por eles, pela história deles, perceber os dias que eles não estão muito legais, eles são extremamente autênticos são muito sinceros. Têm uma abertura pra mudar o planejamento, eu já mudei o planejamento várias vezes. A aula em si, chegar aqui: ah eu vou dar aula assim... aí um está com dor, outro está doente, outro está deprimido, o outro não tá afim de fazer por %N+motivos, aí você tem que mudar. Acho que essa abertura que eu dou, pra está percebendo: como é que tá meu aluno hoje? Eu acho que isso motiva, isso é motivador. Tem a questão da alegria que eu tento transmitir para eles, da %oisa+ser mais solta, relaxada... Entendeu? Vamos lá, vamos fazer, vamos tentar... Eu acho que isso é o motivador pra eles.

### **5.2 O que desmotiva os alunos em participarem das aulas de EF**

Segundo Adelúzia existem três fatores que desmotivam os alunos: Horário da disciplina, disputa de interesse com outras atividades e problemas de saúde. O horário de EF no colégio é de 18:00 as 19:20 horas, entretanto muitos alunos não conseguem chegar ao colégio devido á rotina de trabalho. As aulas de EF de quinta-feira têm que disputar interesse com outras oficinas disponibilizadas pelo colégio no

mesmo horário, ou seja, o aluno deve optar por qual oficina ele deseja participar. Os problemas de saúde também compõem um dos 3 fatores que desmotivam os alunos segundo a professora. Alguns alunos relatam a professora que não fazem por conta de advertências médicas ou diversas outras patologias.

A grande maioria que não participa de educação física, é... Primeiro é a questão do horário. A educação Física no horário de 18 horas, a maioria não participa porque não dá conta de chegar aqui às 18 horas, então tem essa questão do horário. Outros têm o horário da Educação Física que coincide com o horário de outras oficinas. A aula de quinta-feira que são as oficinas, além da oficina de Educação Física, tem a oficina de reforço de português, reforço de matemática, de inglês; tem oficina de cuidador de idoso, tem de culinária... Então eles ficam muito divididos. Essas oficinas são oferecidas como uma coisa a mais dentro do planejamento, dentro do currículo da EJA. Muito me falam assim: ô professora eu gostaria muito de participar da Educação Física, mas eu estou precisando de reforço na matemática; ô professora eu gostaria muito de participar da Educação Física, mas eu nunca fiz inglês, eu vou fazer inglês. Então assim tem outras áreas de interesses além da Educação Física. Nunca chegaram perto de mim e falaram: Ah eu não vou fazer Educação Física, porque eu não gosto, porque eu não preciso, muito pelo contrario. Eu acho até legal que muitos não participam da Educação Física, chegam em mim dando satisfação de porque não participam. Eu acho isso muito bacana, eles chegam em mim: ô professora eu queria fazer [Educação Física], mas eu to fazendo outra coisa ou o horário não dá pra mim. Têm muitos também que às vezes têm uma limitação como relação à saúde, sabe? Têm uns que chegam com problemas de coluna; apesar de que eu tento motivá-los, falando que a gente pode adequar o planejamento. Eles podem talvez estar participando de alguma aula, mas muitos chegam com esse motivo: olha eu não vou fazer porque eu não posso, meu médico falou que eu tenho pressão alta, eu tenho não sei o que. Então também tem isso.

### **5.3 Organização dos conteúdos**

Adelúzia organiza os conteúdos de suas aulas com base nos 6 blocos de conteúdos obrigatórios para EJA: Jogos, Ginástica, Esportes, Danças, Lutas e Conhecimento sobre o corpo. Podemos perceber a presença desses conteúdos no relato feito pela professora:

O planejamento é uma coisa assim: eu procuro desde o inicio, quando eu comecei, que eu montei um planejamento em cima de um que já existia, eu procurei contemplar o bloco lá da cultura corporal de movimentos: ginástica, jogos, lutas, danças, esportes e a questão de conhecimento do corpo que também acrescentei. Eu tento na medida do possível abranger esses tópicos de conteúdos. Às vezes não dá pra contemplar todos, igual ano passado; ano passado se não me engano ficaram dois blocos de fora, porque não deu tempo. Aqui tens uns eventos e feriados né? Mas eu tento organizar dessa forma, eu tento contemplar pelo menos dentro desses 6 blocos, pelo menos alguns deles.

#### **5.4 Conteúdo mais motivador**

Adelúzia ainda desconhece qual é o conteúdo mais motivador para os alunos. A professora nos diz que as motivações dos alunos variam de acordo com o que eles sentem no dia. Existem aulas que os alunos se encontram totalmente motivados, já outras nem tanto. Quando essa situação ocorre, Adelúzia está sempre aberta para mudar o planejamento de sua aula.

Ah eu não sei, por que assim... É engraçado porque a motivação deles varia tanto. Eu não sei se você percebeu uma aluna pedindo pra dar forró: ah professora vamos dançar forró? Ela foi uma das que falou queria jogar bola. Hoje eu dei o jogar bola e ela pediu a dança; no dia que eu dou dança, ela pede pra jogar... Entendeu? Então assim, eu até hoje eu não percebi, assim... Eu percebo que eles se motivam na medida de como eles estão naquele dia. Então assim, um dia eles estão dispostos pra atividade física, pra dança, pro jogo, pra brincadeira, pra luta... No ano passado eu trabalhei capoeira com eles, eles adoraram e gostaram muito. Então assim, eu ainda não percebi qual é a atividade que mais motiva, eu acho que tem dias que eles estão extremamente motivados e a aula flui e tal, tem dias que eles ficam assim né [alunos ficam cabisbaixos]; aí é a questão do respeito mesmo. Eu só sei o seguinte, eu não insisto. Vamos supor: eu programei uma aula de dança, então nós vamos começar a dançar senti pelos olhares, até mesmo pela expressão corporal, por que o corpo fala... Oh gente vamos mudar, ter esse olhar para poder mudar mesmo né? Fazer uma outra coisa.

#### **5.5 Conteúdo menos motivador**

Na visão de Adelúzia, não existem fatores específicos que desmotivam os alunos, existem apenas circunstâncias. Essas circunstâncias dependem da situação diária de cada aluno. No seu relato Adelúzia revela que assim como seus alunos, ela também possui uma jornada de trabalho intensa, chegando muitas vezes desmotivada em suas aulas, assim como seus alunos. Segundo a professora a motivação em sua aula deve partir primeiramente dela e muitas vezes quando a mesma esta desmotiva, são seus alunos que a motivam.

Ah que eu tenha percebido não. Nunca percebi não. A motivação deles vai de acordo como que eles estão mesmo, entendeu? Sabe o que eu acho engraçado? É que eles são um público trabalhador, acho que eu me aproximo muito deles, que eu falo isso muito com eles. Acho que muitas vezes eu também chego aqui extremamente desmotivada, vindo de uma jornada, que eu trabalho de manhã, trabalho de tarde, dei aula o dia inteiro e eu chego aqui tão cansada quanto eles. Eles também vêm de uma jornada pesada, uma jornada extremamente pesada. Então às vezes eu brinco com eles e falo que eles é que me motivaram. Nossa às vezes eu chego aqui também um pouquinho desmotivada, cansada e tal e eu como professora, a motivação tem partir primeiro de mim. Às vezes eles até me surpreendem, que eles que acabam me motivando. Como eles são um

publico trabalhador que tem uma jornada pesada e pesada no sentido literal da palavra; muitas vezes essa motivação também vem daquela questão de: você está sentado, bater um papo, começar a conversar, começar a escutar... A Educação Física na EJA ela é muito baseada na escuta também do aluno, sabe? Às vezes o aluno fica ali 20,30 minutos conversando e pra ele aquilo ali foi uma aula excelente, porque ele desabafou, ele falou, ele conversou.

## **5.6 Lei Federal 10.973/2003**

Ao ser questionada sobre a Lei Federal 10.973/2003 (Lei que faculta alguns alunos quanto a participação nas aulas de Educação Física), Adelúzia mostrou-se indignada. Para a professora essa Lei define uma EF totalmente diferente da que vivenciamos atualmente. Na nova concepção de EF definimos a tal como cultura corporal de movimento, na qual o aluno terá oportunidade de vivenciar tudo aquilo que os movimentos do nosso corpo possam produzir, tornando-os sujeitos críticos e autônomos. Concepções que diferem da EF com caráter esportivista, da qual foi baseada essa Lei. Segundo a professora os motivos que facultam a participação dos alunos nas aulas EF, deveria ser o motivo dos mesmos serem obrigados a participar das aulas.

Pois é, com muita raiva. Primeira coisa: todo início do ano, a gente tem uma reunião com todos os alunos. A coordenadora faz questão, porque todo ano entra muito aluno. Então a coordenadora sempre faz essa reunião. Nessa reunião, eu faço questão de falar com eles dessa lei, porque a própria escola coloca essa lei pra eles, fala que não tem obrigatoriedade de fazer Educação Física. Aí eu já chego desconstruindo essa lei com eles, eu chego falando que essa lei foi feita há muitos anos atrás, onde a educação física era completamente diferente do que é hoje. Então essa lei é uma lei que já está muito ultrapassada, já deveria ter sido extinta. Quando eu tenho essa preocupação de explicar isso pra eles, aí acontece o fenômeno que é muito bacana: a grande maioria que não que não teria obrigatoriedade de fazer [EF], vem e faz. Muitos utilizam dessa lei, infelizmente por causa da questão do horário mesmo, igual o horário das 18 horas, muitos entregam atestados que trabalham e tal. Se fosse um horário que eles pudessem fazer, eles estariam fazendo. Então eu tenho muita preocupação em explicar pra eles, eles sabem da lei, eles são informados que existe essa lei, mas também eles são informados que essa lei tratava de uma Educação Física, que não é a Educação Física de agora. Eles têm que ser incluídos na Educação Física, exatamente por eles serem um público trabalhador que eles têm que ser incluídos, exatamente por eles terem filhos, já terem acima de 30 anos que eles têm que fazer Educação Física. Hoje é ao contrário, hoje ninguém está excluído da Educação Física, muito pelo contrário, está todo mundo incluído. Quando você explica a lei, eles entendem e graças a Deus. Aqui é o inverso, a maioria faz, graças a Deus.

## 5.7 Planejamento das aulas

A professora possui clareza e objetivos realistas para o planejamento de suas aulas. O colégio já possui suas matrizes curriculares fixas para todas as disciplinas, entretanto Adelúzia nos revela que mexe constantemente em seu planejamento que foi baseado em cima das matrizes curriculares. A professora ainda nos revela que em seu planejamento, os conteúdos não são abordados pela ~~boniteza~~ ou pela obrigatoriedade; os conteúdos são abordados de acordo com a realidade de execução deles. A professora ainda nos alerta que o planejamento deve ser flexível, feito a lápis e de forma clara, sendo assim é possível que ele esteja sempre aberto a mudanças.

Possuo. No ano passado a gente deu uma mexida nesse planejamento e esse ano ele tá valendo ainda. Nós montamos as matrizes curriculares, baseada nos Descritores, mas de tempos em tempos a gente revisa a matriz. Este ano que a gente não se reuniu ainda para conversarmos sobre a matriz, mas esse momento sempre acontece, entendeu? O meu planejamento eu mexo e muito. O ano que vem eu já estou querendo dar uma mexida geral. Você vai vendo coisas que funciona, coisas que não funciona e coisas que estão ali no planejamento só porque é bonitinha de tá e tem que tá, sabe? Eu há muito tempo falei: quando a gente fica velha... A vantagem de ficar velha é o seguinte: a gente não tem que provar mais nada pra ninguém; então não tem que fazer planejamento bonitinho para entregar pra ninguém não. Porque eu quero fazer um planejamento que seja aquele planejamento que eu tenha condição de realizar. Claro que o planejamento tem que ter abertura, tem que ser flexível, você tem que fazer um planejamento é de lápis mesmo, porque você pega a borracha e desmancha e refaz. Mas acontece assim: eu não vou colocar coisas muito impossíveis de acontecer, só porque têm que tá lá no planejamento. Hoje em dia eu não faço mais isso não.

## 5.8 Relacionamento com outros professores, reuniões e trabalhos coletivos

Segundo Adelúzia seu relacionamento com os outros professores é cordial, entretanto, a professora não é solicitada em conselhos de classe pelos demais professores, para estes a EF não serve como avaliação de desempenho dos alunos. Devido a isso a professora tem buscado constantemente o seu espaço dentro do colégio

O meu relacionamento é bom, normal, cordial, mas é um relacionamento que poderia haver trabalhos mais coletivos, sabe? Eu sinto que a Educação Física te um papel legal, faz um trabalho legal, mas porque eu vou lá e brigo pelo meu espaço. Hoje em dia as pessoas conhecem, conhecem a mim, conhecem meus alunos, conhecem o trabalho da Educação Física, conhecem as coisas que eu estou fazendo, porque eu to indo lá. Mas assim... Não sou muito solicitada não, por exemplo: tem conselho de classe

que eu vou, quando eu fico sabendo, entendeu? Eu vou lá e tem professor que fala: o que você tá fazendo aqui? Eu falo: conselho de classe não é hoje? Hoje não é o conselho de classe da turma tal? Tô aqui! É aquela questão, Educação Física, nós professores ainda, ano 2015, século 21, a gente ainda têm que tá buscando esse espaço e eu busco! Eu acho que deveria ter muito mais trabalho coletivo, sabe? Incluindo a Educação Física, mas a gente tá caminhando, tá caminhando.

Quanto às reuniões e trabalhos coletivos do corpo docente da EJA, Adelúzia nos revela que há pouquíssimas reuniões dos professores da EJA, as únicas reuniões existentes são: do início do ano letivo e ao final do ano letivo. O único trabalho coletivo que citado pela professora corresponde a Matriz curricular escrita por todo grupo de professores de Educação Física do colégio, grupo este que se encontra quinzenalmente. Esse grupo é composto pelos professores de EF da educação infantil até ela (única professora de EF da EJA).

Tem reuniões, mas as reuniões são pouquíssimas. Tem reunião assim de todo grupo de EJA, é mais ou menos no início do ano e mais pro final do ano, pra fazer uma avaliação. Durante o ano se tem eu não tô sabendo não. Quando a gente sentou pra fazer o planejamento, as matrizes curriculares, sentou a equipe de Educação Física, desde o professor do ensino infantil, até a EJA. Sentou todo mundo porque a matriz curricular têm que ter uma certa gradação, então sentou todo mundo. As reuniões que eu tenho sempre que é a quinzenal é da equipe de Educação Física, essa reunião com o coletivo da EJA não acontece não.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo a OMS, Saúde é o completo bem-estar físico, social e mental. Deive (2003) complementa que a saúde não é a condição de ausência de doenças, mas ela é um processo de aprendizagem, tomada de decisão, e ação para otimização do bem-estar próprio. Os alunos da EJA em sua maioria atribuem a Educação Física Escolar (EFE) a função apenas de manutenção ou promoção da saúde, percebemos isso claramente em seus relatos, dados esse também evidenciado no estudo de Araujo (2008). Os fatores motivadores e desmotivadores também giram em torno da saúde, em qual a maioria dos alunos que frequentam as aulas são motivados pela busca de melhorias da saúde; resultados que convergem com uma pesquisa feita por Nasser (2011). Em sua pesquisa, Nasser entrevistou e coletou dados de 10 alunos com mais de 60 anos que participam das aulas de EF. Os entrevistados por Nasser relatam que o fator que os motivam a participar das aulas EF são os benefícios para saúde. Um dos fatores citados que desmotivam os alunos ir as aulas também gira em torno das condições atuais de saúde dado confirmado no estudo de Pimenta (2011).

As relações de Saúde e EF Escolar também são apontadas por Machado e Loureiro (2009), onde os autores citam que na grande maioria os alunos da EJA estão buscando na escola apenas à qualificação para o mercado de trabalho e não se preocupam com o bem-estar. Para esses autores as aulas de EF auxiliam na conscientização do bem-estar no aluno e por meio da atividade física, melhoraria a saúde e a qualidade de vida. A prática de atividades físicas buscando a saúde durante as aulas, não devem ser apenas a prática pela prática, mas sim a prática pela conscientização e autonomia dos alunos, em relação as suas condições saúdes. De acordo com Guedes (1999) a educação para a saúde não deve ser abordada em um sentido exclusivamente biológico e higienista, pois isso não permite que novos conhecimentos sejam incorporados de forma integrada e duradoura em direção à autonomia e criticidade dos alunos em relação às decisões quanto à adoção de práticas e estilo de vida saudável.

Outro fator motivante citados pelos alunos e também por Adelúzia corresponde à socialização ente eles, dado esse que é comprovado no estudo de Coura (2007); para essa autora a escola é um local de socialização dos alunos. Assim como na

escola, a EF também é um espaço em que o professor e os alunos se encontram e relacionam socialmente, relação que abrange diferentes gêneros, classes sociais, orientação sexual, religião, etnias e principalmente: diferentes faixas etárias. Um estudo feito por Ferreira e Paula (2010) aponta também a socialização como um fator motivador para a participação nas aulas de EF, em seu estudo o autor nos relata que as aulas podem servir como um espaço para estabelecimento de novas relações e novos laços de amizade e solidariedade.

O cansaço físico e/ou mental também contribuem para a falta de frequência dos alunos na EF, como é apontado por Alves (2012), alguns alunos entrevistados por essa autora, nos revela que a jornada de trabalho pesada que na maioria das vezes ultrapassam 8 horas diárias, é um fator que os desmotivam de ir a escola. Para os alunos que justificam o cansaço como motivo de não ir à aula, a EF não passa de exercícios físicos desgastantes, concepção totalmente ultrapassada que não corresponde aos principais objetivos da Educação Física Escolar.

Conforme constatado nesse estudo, alguns alunos da EJA praticam exercícios físicos fora na escola. Esses alunos em sua grande maioria praticam aos finais de semana: caminhada ou ginástica (alongamentos e exercícios de força); práticas convergentes as encontradas no estudo de Araujo (2008). Durante os relatos dos alunos percebemos que esses dois conteúdos praticados por eles, foram aprendidos/orientados em sala, ou seja, há uma apropriação dos conhecimentos transmitidos pela professora aos alunos. Os alunos que não possuem a oportunidade de praticar Exercícios Físicos no decorrer da semana ou aos finais de semana, não o fazem devido ao cansaço gerado pela rotina semanal trabalhista, posto que eles dispõem apenas dos finais de semana, para os seus descansos. De acordo com Machado e Loureiro (2009) os alunos da EJA se desgastam durante o decorrer da semana devido ao trabalho, reduzindo o lazer ou práticas de Exercícios Físicos apenas aos finais de semana. Segundo esses autores, muitas vezes a escola é o único local onde as práticas de exercícios físicos podem ser vivenciadas pelos alunos, informação encontrada no relato da Professora Adeluzia. Se essa prática for positiva, significativa para os alunos, eles continuarão buscando e praticando exercícios físicos fora da escola.

Os conteúdos mais prazerosos nas visões dos alunos foram: ginástica (alongamentos e exercícios de força), danças e esportes. Entretanto, Adelúzia nos revela que o seu planejamento contempla os 6 blocos de conteúdos obrigatórios e existentes da EF na EJA: Jogos, Ginástica, Esportes, Danças, Lutas e Conhecimento sobre o corpo. Adelúzia se manteve atualizada ao longo do tempo sobre a especificidade de conteúdos da EJA, pois a mesma está atenta ao bloco Conhecimento sobre corpo. O bloco Conhecimento sobre o corpo, segundo a Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos (2002), subsidia as práticas corporais dos demais blocos e provém recursos para o indivíduo ser autônomo sobre o seu próprio corpo. Neste bloco, estão inseridos os conteúdos que se inter-relacionam com as áreas de biomecânica, anatomia, fisiologia e bioquímica. A Educação Física na Educação de Jovens e Adultos, com suas infinitas/múltiplas possibilidades e conteúdos, devem trabalhar em prol de oferecer o máximo de vivências da cultura corporal de movimentos para os alunos, tornando-os sujeitos autônomos e críticos (CARVALHO *et al.*, 2010).

Como foi relatado por Adelúzia não existem muitos trabalhos coletivos que envolvem a EF com as demais disciplinas do colégio. De acordo com Araujo (2008) a Educação Física Escolar deve interagir com as demais disciplinas, buscando oportunizar aos alunos produção e a socialização do conhecimento, a partir de conteúdos transformadores relacionados em diferentes áreas. De acordo com Pereira (2004) a Educação Física Escolar deve interagir com as demais disciplinas, em todas as iniciativas que oportunizem a produção e a socialização do conhecimento, a partir de interesses transformadores. Bonato *et al.*, (2012) nos diz que a construção coletiva não tem por objetivo criar novas disciplinas ou saberes, mas a utilização dos conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema ou compreender um determinado fenômeno sob diferentes pontos de vista. Por fim, construir trabalhos coletivos é pensar de forma totalizante da educação dos alunos, contribuindo assim para a emancipação e criticidade dos alunos.

A Educação Física é um componente curricular obrigatório na educação básica, na Educação de Jovens e Adultos, esse componente é oferecido de forma facultativa aos alunos. Alunos que possuem mais de 30 anos, filhos, jornada de trabalho superior a 6 horas, ou seja, grande maioria dos alunos; estes estão dispensados de participar dessa disciplina. Essa dispensa é garantida pela Lei Federal 10.973/2003,

Lei esta que se enquadra a uma Educação Física totalmente diferente da que é oferecida atualmente. Na nova concepção de Educação Física, todos estão incluídos nela, todos possuem o direito de experimentar os conteúdos da cultura corporal de movimentos.

Os alunos da EJA voltam a estudar buscando melhorias em sua vida, seja na área financeira ou na área pessoal. Ao voltarem para escola, esses alunos se poderão também se encontrar com a Educação Física Escolar. Portanto a todo o momento a EF deverá ser de qualidade e abranger os alunos em suas totalidades, tendo estes como foco central, proporcionando-os vivências nos jogos, brincadeiras, conhecimentos sobre o corpo, ginástica, lutas e esportes, contribuindo assim, para formação de sujeitos autônomos.

A característica mais marcante na EJA é a sua diversidade. Frequentam em um mesmo ambiente escolar, pessoas com diferentes etnias, cultura, crenças e religiões, opção sexual, ritmo intelectual, faixa etária e condição social. A diversidade torna a escola um local rico de experiências de vida, formando cidadãos que aprendem a respeitar as diferenças existentes.

Podemos perceber que a jornada de um professor de EF é árdua, mas satisfatória. Adelúzia nos relata que muitas vezes ela chega cansada na para dar aula na EJA, pois a mesma assim como seus alunos trabalhou o dia inteiro, ficando cansada ao final do dia. Mas o cansaço dessa professora vai embora assim que ela se relaciona com seus alunos, acima da relação Professor/Aluno existe a relação de dois seres humanos, que choram, se alegram, se motivam e se frustram.

Para os alunos entrevistados a EF é muito importante para as saúdes deles e percebemos que o fator motivador gira principalmente em torno da saúde. O exercício físico se encontra em alta no cenário brasileiro e mundial, a todo o momento ele é indicado com diversas finalidades: Saúde, estética, lazer e socialização. Em sua grande maioria, os alunos EJA possuem a oportunidade de realizar práticas corporais apenas na Educação Física Escolar. Não podemos esquecer que geralmente o público atendido pela EJA é composto por homens e mulheres de classe baixa e trabalhadores, na escola esse público possui a oportunidade de vivenciar tais práticas de forma gratuita e de qualidade.

Neste estudo foram apresentadas várias dificuldades que os alunos enfrentam em suas trajetórias na Educação Física Escolar. Percebemos que o trabalho, as condições de saúde e o cansaço dificultam a participação desses alunos nas aulas, porém, eles ultrapassam todos esses desafios e frequentam as aulas de Educação Física. Percebemos que mesmo todos os alunos entrevistados e que participam da Educação Física estando ressaltados dela por Lei, eles a consideram uma atividade curricular indispensável na EJA. Muitos alunos que não participam da Educação Física não a deixam de participar por falta de interesse, mas sim por diversos desafios que não conseguem superar, como as limitações de saúde e físicas.

O caminho do professor de Educação Física na EJA, é repleto de desafios, o planejamento de aulas deve abordar uma diversidade de aluno muito grande, contemplado de forma igualitária a todos os alunos. Não existe muita literatura que envolve e associa Educação Física na Educação de Jovens e Adultos, carência esta que encontrei ao escrever esse trabalho. O professor de Educação Física a todo o momento tem que convencer a escola, os outros professores e principalmente os alunos, sobre a importância da cultura corporal de movimento, pois em sua maioria os alunos estão dispensados por Lei da EF. A trajetória não é fácil, mas é gratificante, repleta de realizações profissionais e pessoais.

Por fim deixo aos leitores um poema que através do qual me identifico a respeito da escola, escrito pelo grande mestre e educador Paulo Freire:

Escola é...

o lugar que se faz amigos.

Não se trata só de prédios, salas, quadros,  
Programas, horários, conceitos...  
Escola é sobretudo, gente  
Gente que trabalha, que estuda  
Que alegre, se conhece, se estima.

O Diretor é gente,  
O coordenador é gente,  
O professor é gente,  
O aluno é gente,  
Cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor  
Na medida em que cada um se comporte  
Como colega, amigo, irmão.  
Nada de %ha cercada de gente por todos os lados+  
Nada de conviver com as pessoas e depois,

Descobrir que não tem amizade a ninguém.  
Nada de ser como tijolo que forma a parede, Indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,  
É também criar laços de amizade, É criar ambiente de camaradagem,  
É conviver, é se amar nela!

Ora é lógico...  
Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer,  
Fazer amigos, educar-se, ser feliz.

É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.

**(Paulo Freire)**

## REFERÊNCIAS

- ALVES, K. C. **Frequência/Infrequência na EJA**: porque isso acontece? 2010. 47 f. Dissertação (Monografia) . Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- ARAÚJO, R. V. **O ensino de educação física na educação de Jovens e adultos, sob um olhar psicopedagógico**. 2008. 71 f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) . Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2008.
- ARROYO, M. G. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. In: \_\_\_\_\_. **Construção coletiva**: contribuições à educação de jovens e adultos. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005. p 221-230.
- ARROYO, M. G. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L. *et al.* (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 4 ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011. p. 19-50.
- BONATTO, A. *et al.* Interdisciplinaridade no Ambiente escolar. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL - ANPED SUL, 9, 2012, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2012. p. 1-12.
- BRASIL. Lei Federal 10.973/2003. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 2003. Brasília: Presidência da República, 2003.
- BRASIL. Lei Federal 9394/1996. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 1996. Brasília: Presidência da República, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Proposta curricular para a educação de jovens e adultos- segundo segmento do ensino fundamental**: 5a a 8a série. v. 1. Brasília, 2002. 148 p.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Proposta curricular para a educação de jovens e adultos- segundo segmento do ensino fundamental**: 5a a 8a série- Educação Física. v. 3. Brasília, 2002. 50 p.
- CAETANO, J. R.; GOMES, A. M.; MIRALLIA, K. **Os desafios da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. Universidade Salgado de Oliveira. 2013. Disponível em: <[http://www.cref14.org.br/artigos/ARTIGO%20SIMP\\_SIO%20EST\\_GIO.pdf](http://www.cref14.org.br/artigos/ARTIGO%20SIMP_SIO%20EST_GIO.pdf)>. Acesso em: 14 fev. 2015.
- CAMARGO, P. S. A. Diversos olhares sobre a educação de jovens e adultos - eja: uma revisão de literatura (1976-2004). **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v. 2, n. 3, 2014.
- CARNEIRO, M. A. **LDB fácil**: leitura crítico-compreensiva: artigo a artigo. Petrópolis: Vozes, 1998. 216 p.
- CARRANO, P. C. R. Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance". **REVEJA** (UFMG), v. 1, 2007. Disponível em:

<[http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/educacao\\_de\\_jovens\\_e\\_adultos\\_e\\_juventude\\_-\\_carrano.pdf](http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/educacao_de_jovens_e_adultos_e_juventude_-_carrano.pdf)>. Acesso em: 25 fev. 2015.

CARRANO, P. C. R. Identidades juvenis e escola. In: \_\_\_\_\_. **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005, p 153-164.

CARVALHO, R. M. Corporeidade e Experiência: potencializando a Educação de Jovens e Adultos (EJA). In: SAMPAIO, M. N.; ALMEIDA, R. S. (Org.). **Práticas de Educação de Jovens e Adultos: complexidades, desafios e propostas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 115-134.

CARVALHO, R. M. *et al.* Educação Física na EJA: potencializando diferentes sujeitos e conhecimentos. In: SEMINÁRIO DE EJA DA PUC-RIO, 1, 2010, Rio de Janeiro. **Seminário de EJA da PUC-Rio - e uma educação para o povo, tem? 2010**.

COURA, I. G. M. **A terceira Idade na Educação de Jovens e Adultos: expectativas e motivações**. 2007. 141 f. Mestrado (Educação) . Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

DEVIDE, F. P. Educação Física escolar como via de educação para a saúde. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Org.). **A Saúde em Debate na Educação Física**. Blumenau: EDIBES, 2003, p. 137-150.

FERREIRA, L. O. F.; PAULA, J. A. No corpo as experiências e memórias dos educandos da EJA: as possibilidades de diálogo da Educação Física com a Educação de Jovens e Adultos. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA PUC-RIO, 1, 2010, Rio de Janeiro. **Seminário de EJA da PUC-Rio - e uma Educação pro povo, tem? 2010**.

FREIRE, P. **Poema: Escola é**. Disponível em: <<http://www.paulofreire.org/acervo-paulo-freire>>. Acesso em:

FURINI, D. R. M. *et al.* Sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, Espaços e Múltiplos Saberes. In: LAFFIN, M. H. L. F. (Org.). **Educação de jovens e adultos e educação na diversidade**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. p. 158-245.

GALVÃO, A. M. O.; SOARES, L. J. G. História da alfabetização de adultos no Brasil. In: ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEAL, T. F. (Org.). **A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 27-58.

GAVIRAGHI, C. *et al.* A pesquisa e a extensão como experiência formadora da educação física na EJA. In: CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4, 2012. CONGRESSO ESPÍRITO-SANTENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 12. Vitória: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2012.

GUEDES, D. P. Educação para a saúde mediante programas de educação física escolar. **Motriz**, Rio Claro, v. 5, n.1, p. 10-14, 1999.

GÜNTHER, M. C. *et al.* A educação Física na Educação de Jovens e Adultos. In: CONGRESSO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA, 2, 2013. **Anais...** Lajeado: Educação Física Escolar: desafios a prática pedagógica. 2013. Disponível em: <[https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/47/pdf\\_47.pdf](https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/47/pdf_47.pdf)>. Acesso em: 16 fev. 2015.

JÚNIOR, M. J. D. A educação física na educação de jovens e adultos: desafios, diálogos e reflexões. In: EDIPE-ENCONTRO ESTADUAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 3, 2009. **Anais...** Anápolis, 2009.

LIMA, A. B. D; SILVA, A. M. Organização e o desenvolvimento das aulas de educação Física na EJA através de oficinas pedagógicas. In: CARVALHO, R. M. (Org.). **Educação Física Escolar na educação de Jovens e Adultos**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2011, p. 31-55.

LIMA, A. B. *et al.* Orientações para a educação Física na EJA- Uma experiência em construção. In: CARVALHO, R. M. (Org.). **Educação Física Escolar na educação de Jovens e Adultos**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2011, p. 31-55.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99p.

MACHADO, J. L.; LOUREIRO L. L.; **A possibilidade de intervenção da educação física na Educação de Jovens e Adultos para a melhora da saúde e manutenção da qualidade de vida**: uma revisão bibliográfica. 2009. Disponível em: <<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2009/artigos/edfis/salao/483.pdf>> Acesso em: 12 fev. 2015.

MOREIRA, D. A. **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. São Paulo: Pioneira, 2002. 152p. *apud* OLIVEIRA, C. L. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa**: tipos, técnicas e características. Travessias (UNIOESTE. Online), 2009.

NAIFF, L. A. M.; NAIFF D. G. M. Educação de jovens e adultos em uma análise psicossocial: representações e práticas sociais. **Psicologia & Sociedade**; v. 20, p 402-407, 2008.

NASSER, L. R.; GUABIROBA, J. S. A Educação Física e o Idoso na Educação de Jovens e Adultos. **Connection Line**, v. 8, p. 1, 2011.

OLIVEIRA, A. A. B. A Educação Física no ensino médio - período noturno: um estudo participante. **Movimento**, v. 6, n. 12, 2000.

OLIVEIRA, L. A. A Prática da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos. In: EDIPE, 1, 2003, Goiânia. **Anais...** EDIPE, 2003.

PEREIRA, R. P. **A Interdisciplinaridade na ação pedagógica do professor de educação física da rede municipal de ensino de Porto Alegre**. 2004. 247 f. Mestrado (Ciências do Movimento Humano) . Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

PIERRO, M. C. D. *et al.* **Visões da educação de jovens e adultos no Brasil.** **Cadernos Cedes**, v. 21, n. 55, nov. 2001.

PIMENTA, R. P. T. **Ensino de educação física na educação de jovens e adultos:** Saberes docentes de uma professora de educação física construídos dentro de uma experiência profissional na educação de jovens e adultos. 2011. 42 f. Dissertação (Monografia) . Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

RABELLO, S. Desigualdade social, longevidade, juventude idosa e a intergeracionalidade. In: CARVALHO, R. M. (Org.). **Educação Física Escolar na educação de Jovens e Adultos.** 1 ed. Curitiba: CRV, 2011, p. 31-55.

SCHNEIDER, S. M.; FONSECA, M. C. F. R. Esse é o meu lugar... Esse não é o meu lugar: Inclusão e exclusão de jovens e de adultos na escola. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 34, n. 122, p. 227-244, jan./mar. 2013.

SENA, M. M.; SOUZA, R. M. Alfabetização de Jovens e Adultos: espaço de (re)construção de identidades. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v. 1, p. 1, 2013.

SILVA, H. C. N.; SILVA, S. A. P. S. Educação Física no Ensino Noturno: Um estudo de caso. **Revista Digital.** Buenos Aires, v. 11, n. 104, jan. 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd104/educacao-fisica-ensino-noturno.htm>>. Acesso em 15 fev. 2015.

SILVA, J. A. **Um estudo sobre as especificidades dos/as educandos/as nas propostas pedagógicas de educação de jovens e adultos** **È eja: tudo junto e misturado!** 2010. 191 f. Mestrado (Educação) . Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SILVA, N. N. Educação de Jovens e Adultos: alguns desafios em torno do direito à Educação. **Paidéia**, Belo Horizonte, v. 6, p. 61-72, Jul./Dez. 2009.

SILVA, N. N. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direito à diversidade e de responsabilidade das políticas públicas educacionais. In: AGUIAR, M. A. S. *et al.* (Org.). **Educação e diversidade: estudos e pesquisas.** Recife: Gráfica J. Luiz Vasconcelos, 2009, v. 2, p. 209-226.

SOARES, L. As políticas de EJA e as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras.** 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 201-224.

VENTURA, J.; CARVALHO, R. M. Formação inicial de professores para a EJA. **Revista Lugares de Educação.** Bananeiras, v. 3, n. 5, p. 22-36, Jan./Jun. 2013.

ZONTA, C. **Fragmentos de vida:** subsídios para um programa de adultos e jovens. 1990. 474 f. Mestrado (Psicologia) . Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1990 *apud* PIERRO, M. C. D. *et al.* **Visões da educação de jovens e adultos no Brasil.** **Cadernos Cedes**, v. 21, n. 55, nov. 2001.

## **APÊNDICES**

### **Roteiro da Entrevista: Alunos que participam das aulas de EF**

- 1) Qual a sua Idade?
- 2) Você participa das aulas de Educação Física?
- 3) Como você observa a Educação Física neste colégio?
- 4) O que te motiva e desmotiva a participar das aulas de Educação Física?
- 5) Qual o conteúdo mais prazeroso praticado por você dentro das aulas de Educação Física?
- 6) Qual a importância você atribui às aulas de EF?
- 7) Você pratica alguma Atividade Física fora da aula de EF? Por que? Há alguma relação com a aula de EF?

## **Roteiro da Entrevista: Alunos que não participam das aulas de EF**

- 1) Qual a sua Idade?
- 2) Você participa das aulas de Educação Física?
- 3) Como você observa a Educação Física neste colégio?
- 4) O que te desmotiva a participar das aulas de Educação Física?
- 5) Qual o conteúdo da Educação Física você considera mais prazeroso e possui vontade de praticar?
- 6) Qual a importância você atribui às aulas de EF?
- 7) Você pratica alguma Atividade Física ? Se sim, qual? Se não, por quê?

### **Roteiro de Entrevista: Professora**

- 1) Há quanto tempo você dá aula? E na EJA?
- 2) Há que motivo se atribui seu ingresso como professora na EJA?
- 3) Como se sente como professora de Educação Física de EJA?
- 4) Qual foi o maior obstáculo que você enfrentou ou enfrenta dando aula para jovens e adultos?
- 5) Como você percebe seus alunos nas aulas de EF? O que você acha que os motivam/desmotivam?
- 6) Qual o motivo que alguns alunos relatam a você para não participarem da aula?
- 7) O que você organiza como conteúdo de EF na EJA?
- 8) Quais os conteúdos que seus alunos participam mais motivados?
- 9) Quais os conteúdos seus alunos apresentam menos motivação a praticá-lo?
- 10) Como você trata a Lei Federal 10.973/2003 que facultava os alunos a participarem das aulas de EF?
- 11) Você possui planejamento para suas aulas?
- 12) Como você se relaciona com os outros professores da EJA? Há reuniões? Planejamento coletivo?